

Redação e administração
Largo da Sé n. 5 (Sobrado)

CAIXA POSTAL, 195

Endereço telegrafico: LANTERNA

Dirigir toda a correspondência ao
DIRETOR:
EDGARD LEUENROTH

A Lanterna

ANTICLERICAL E DE COMBATE

APARECE AOS SÁBADOS

ASSINATURAS:

ANO 10\$000
SEMESTRE 6\$000

PAGAMENTO ADIANTADO

Nas assinaturas para o exterior
há a diferença do porte do Correio.

XX de Setembro

Qual a significação e que alcance social tem o acontecimento histórico que esta data comemora?

A resposta varia segundo o tempo e o meio onde se esteja. Para uns representa a integralização de uma nacionalidade até então fraccionada, e para outros a queda do poder temporal e da influencia social do papado.

Na Italia a sua comemoração tem assumido feições diversas. Antes, nos primeiros anos após a passagem de Roma do papado para os Saboias, na comemoração do XX de Setembro confundiam-se a expansão do sentimento patriótico satisfeito e o rigosio da massa popular pela queda do papa, em que via a queda do seu poderio político social.

Com o correr dos anos as opiniões foram se dividindo. E hoje já não ha mais confusões possíveis; já se não fundem as duas correntes diversas. De um lado comemora-se o XX de Setembro da casa de Saboia, da monarchica e clerical Italia official, aliada fiel do Vaticano, e do outro, bem distante, muito cá embaixo, a Italia popular, a Italia que anseia, que palmeia liberdade e justiça, a Italia que se bateu pelos montes com Garibaldi e que hoje luta pelos elevatados ideais de emancipação humana, o XX de setembro é comemorado como um episodio que aparece no caminhar dos tem-

pos como um marco miliario da luta secular da Verdade contra a mentira, da Humanidade Livre contra o dominio nefando da igreja dos papas.

E' esse o nosso XX de Setembro. Com ele comemoramos uma das victorias do Livre-Pensamento na batalha sem treguas sustentada contra o dominio nefasto da religião que vem ha seculos manchando a Historia com os seus crimes execraveis.

E é com esse caracter que o XX de setembro, deixando de ser italiano, rompe as fronteiras da Italia e estende-se pelo mundo em fóra chamando a batalha os pioneiros da causa do Livre-Pensamento, concitando-os á grande-luta, que só terminará quando sob os escombros do Vaticano desaparecerem os ultimos vestigios do dominio das religiões.

Em XX de Setembro de 1870 os interesses da casa de Saboia impediram que os canhões de Nino Bixio assestados na brecha da Porta Pia arrasassem o Vaticano.

Quando surgir o nosso XX de Setembro haverá forças capazes de evitar que o povo, sedento de justiça, na ancia da vindicta derradeira faça desaparecer da face da Terra aquelle simbolo vivo de todas as forças reaccionarias que têm impedido a Humanidade de marchar livremente na estrada larga da evolução em busca desse mundo novo onde ella viverá como uma só familia — sem opressões e tiranos, sem explorados e exploradores?

A CONFISSÃO

Nos velhos tempos de Sparta havia já rebeldes contra esse acto humilhante para a consciencia e para a dignidade humanas, contra essa imoralidade extranha, esse sepulcro da honra das mulheres, e da virgindade e da pureza das meninas, que é a confissão auricular.

Plutarcho, por exemplo, descreve deste modo, a arrojada resposta de um spartano a certo padre que teimava em querer confessá-lo:

« — E' a TI, ou a DEUS que eu me confessarei? »

« — Confessa-te a DEUS, respondeu o padre. »

« — Nesse caso, HOMEM, retira-te, — replicou o spartano. — Para me confessar a DEUS não preciso de TI. Tu és simplesmente UM HOMEM, não és DEUS. »

E' que este spartano já então comprehendia que não tinha competência para o ouvir e absolver em nome de Deus e absolver até dos maiores crimes, um homem que podia ser um justo, mas que também podia ser um bebedor, um denunciante, um caluniador, um desflorador de virgens, ou um pai capaz de abandonar os filhos, como ali o padre Matos, 'O Portugal'.

A confissão entre os judeus fazia-se em publico, como a dos indios, que alternativamente tinha lugar perante toda uma multidão, ou perante um tribunal composto de tres brahmas (padres).

Não se fazia em segredo, como a imoralissima confissão catolica. E não só em publico; era também coletiva.

Não era, segredada no confessional, a padres devassos ou libidinosos, um atentado contra o pudor e a honra das mulheres, nem era uma infamia praticada contra a castidade das donzelas, ou contra a candida innocencia e a pureza infantis.

Não era um estupro ou uma desvirginação moral, quando o não o são físicos (lembrai-vos de Sarah de Matos!), praticados nesses gabinetes reservados da concupiscencia e do adultério que se chamam confessionarios, por homens que, no dizer de Michelet, são de sangue e carne, e colocam as suas confessadas na pungente situação de jámas passarem diante deles sem terem de baixar os olhos com vergonha.

Não era, enfim, um acto, do qual o grande historiador Michelet tivesse de dizer também, que em France les jeunes filles son précoices (saídas antes da idade), parce que la confession les avance, enainando-lhes, quando ainda innocentes, detalhes da vida sexual, que ellas devem ignorar até a idade propria.

Não era essa infamia tremenda, que introduz a auctoridade de um terceiro individuo — um estranho! — entre a familia: que mete o padre entre o pai e seus filhos; que mete, enfim, o padre entre o marido e a mulher, umas vezes para estabelecer a discórdia e as lutas intestinas entre avós, pais, filhos, irmãos e netos, outras vezes, e muitas, para minotaurar o marido, porque, enfim, um homem não é de pau, e nem todos são capazes de guardar a castidade e a continencia que Joseph guardou, — na corte egipcia, em presença das carnes exuberantes e afrodisiacas da sra. de Putifar.

A unica circumstancia que na essencia aproxima a confissão estolica da confissão das religiões anteriores, é a de, pelo arrependimento e pela absolvição de pecados e crimes, mesmo os mais inconcebiveis, autorizar peccadores e criminosos a reincidirem indefinidamente nos mesmos peccados e nos mesmos crimes, uma vez que a absolvição era certa, e dependia exclusivamente da penitencia, ou da esportula, com que o peccador ou o criminoso tinham de concorrer para as despesas dos ciganos dessas religiões.

Dai a successão, a repetição de crimes sobre crimes. Se era tão facil ficar absolvido, de consciencia purificada, e pronta para novas proezas, porque não cair na recidiva? Dai também a repetição das confissões feitas pelo mesmo homem, ou pela mesma mulher. Havia tratante, como ha ainda hoje, que se confessava não já com a regularidade que adoptava em dar a roupa á lavadeira, mas todos os dias, de manhã cedinho, para que pelo dia adiante pudesse bem trair, bem explorar, bem roubar, ou bem matar o seu semelhante.

O cinema na igreja



— Vai começar agora mesmo! Sucesso colossal! Fitas novas e de grande metragem: «As purezas de S. Faustino». «As santidades do padre D'Amore», «Os martirios de D. Heredia» e «As virtudes do padre Pasqual!»
— Entrai, senhores! Como extra será exibido o grande «film»: «A segunda vinda do Cristo!»

com um aplomb heraldico do Rabbi.

Que importava áqueles obesos e gaitos «vigarios do Papa» as contorções das orfãzinhas nos leitos das enfermarias da Jaqueira, com as entranhas comburidas pelo toxico aniquilador, se, naquella festança o «araminho» de S. Pedro estava se amontoando mais e mais?!

E sob esse palio de agrura e pesar que envolveu a alma sensível de todos os que, sendo ou não catolicos, têm comiserção pelo proximo que pena, escancarou-se a gargalhada imbecil e pulha dos sacerdototes a esganicarem-se no teatro, expondo o Cristo a mais um suplicio: o de histrião de feira.

Frei Marcelo.

Recife, 1912.

A superstição

Na pequena aldeia de S. Marcos Evangelista, perto de Caserta (Italia), duas camponesas tinham, por motivos futeis, criado um odio feroz contra uma rapariga sua vizinha, Marta Mastrojanni.

As duas megeras introduziram-se em casa da vizinha quando ella dormia, e prenderam-na ao leito com toda a segurança; depois infligiram-lhe horribes torturas, que só a fanatismo aliado á maior crueldade pôde conceber: arranharam-lhe o corpo todo com as unhas, moderam-na, arrancaram-lhe os cabelos, tiraram-lhe os olhos, cortaram-lhes as orelhas e retalharam-lhe o corpo.

As ferozes megeras foram presas pela gente da terra, que acorreu aos gritos da pobre martyr, quando da casa della saíam com os rostos e as mãos cheias de sangue.

Marta Mastrojanni morreu vittima do horrivel suplicio, e as repelentes camponesas foram enviadas para a cadeia de Caserta.

As autoridades apuraram que o motivo da tamanha selvageria foi atribuírem á pobre rapariga malefícios e bruxedos.

Mas ajunte-se que os padres, apesar da sua influencia sobre as mais atrasadas populações do campo, ou por isso mesmo, em vez de combater essas grosseiras superstições medievais, alimentam-nas e vivem delas. Se comessem a combater superstições, a superstição católica morreria com as outras. Quanto mais ignorante e supersticioso é o povo, mais exploravel se torna. O padre, como o gatuno, precisa das trevas para operar.

CAUTÉRIOS

LXXVII

Chegou uma nova carregação de padres portugueses para o Brasil. Seguiram para X, onde foram recebidos festivamente.

(Das jornais).

«Pois venham mais, que a terra é grande e boa. Tolerante, amável e hospitaleira. A árvore das palmeas se acha ali. E colhe os frutos della quem se queira.»

Basta trazer no fim do cocoruto Um zero, um simples zero, um nada enfim, Basta encobrir o corpo avariado corrupto Numa solaina suja de metim.

E eis ai, num delirio bruto e histérico, A multidão de góes e fi salmistas Usando hozinas como cãs famélicas, Pagando o líryo, a bugiganga, a missa

E que importa esta gente que se entola Com o lar em fuma, com o anafabotismo? Se os padres andam de barriga cheia, Se a criancinha sabe o catolicismo?

Por od não faltam lindas confissões, Mortuos bons, de muita devoção, E filhas de Maria e mais quejanadas, Para gloria da santa religião...

E que mais é preciso á tanta peita, Para ao leuvar da Igreja trabalhar? É fletir o pau, o pau é crante, As mulheres são belas a furta...

Pois venham mais, que a terra é grande e boa, Tolerante, amável e hospitaleira. A árvore das palmeas se acha ali. E colhe os frutos della quem se queira.

— Frei Marcelo.



Cá está o homem!

Entre os 58 emigrados portugueses que aqui desembarcaram ha dias de bordo do «Cordillera», veio um personagem que não podemos deixar de apresentar aos leitores da Lanterna em particular, e ao povo brasileiro em geral.

Já no numero de 13 de julho tivemos o ensejo de falar da illustre pessoa que ora nos honra com a sua visita, a qual, dias antes da ultima invasão realista, lançara com sua assinatura um furibundo manifesto contra os inimigos de Deus, — «essa canalha maldita que em nome do demonio nos quer governar e arrastar», manifesto aqui reproduzido pelo organ carioca que advoga (sem nenhum interesse, apressamo-nos em reconhecer...) a causa da restauração da monarchia bragançana.

Este mesmo organ, no seu numero de 12 do fluente, denunos a entrevista que com elle teve, apresentando-o ao publico em trajos de guerra, como official do estado maior conceirista, tendo tomado parte no combate de Chaves.

Damos também, por nossa vez, as boas vindas ao padre Julio Candido Cezar, pois é dele que se trata, pedindo-lhe desculpas por só agora poder apresentar-lhe as nossas modestas saudações, que por tardias não deixam de ser sinceras.

Lastimamos entretanto de todo coração que a reverendissima, a estas horas, em vez de estar sentado comodamente numa cadeira de ministro ou outra equivalente, se veja na continencia de — cuidar a vida sem procurar no Brasil o seu ganho pões, como qualquer simples mortal!

Mas não tenha disso cuidado a. revista, tudo correrá ao melhor dos seus desejos, porque esta terra, sem rival no mundo, foi expressamente cria-

da por Deus e descoberta em 1500 por Pedro Alvares para servir de habitação a todo o mundo bom.

Aqui não ha carbonarios, nem republicanos como os de lá, gente malvada e sem entranhas que não ha meios de, nem a bala, como fizestes, chamar á razão.

Agora, eu quizera que me explicasseis o motivo (não leveis a mal) de Deus vos ter abandonado e aos vossos, quando tinheis a certeza da victoria.

Não dissestes no vosso hoje historico manifesto: «Deus está conosco e por isso não temos que duvidar da certeza do nosso triunfo?» E mais: «Se me virdes recuar um passo só que seja, não me poupeis, e fazei-me cair immediatamente aos vossos pés.»

Não é que eu deixe de crer em só minuto na lealdade divina nem na vossa bravura, porém tenho que responder a uma corja de impertinentes que me assediavam desde que aqui desembarcastes; tenho que confundir-lhes, que tapar-lhes a boca de vez.

Por mais que me esforce em mostrar-lhes as diversas causas que contribuíram para o insucesso da invasão; por mais que lhes diga que Deus anda provavelmente muito ocupado com os turcos, com os marroquinos, com os mexicanos e com os anarquistas e os grevistas, não podendo atender a tudo ao mesmo tempo, de nada querem saber; por isso, ali fica o meu pedido que não deixareis de tomar, espero, na devida consideração.

Quanto á vossa bravura, basta olhar a vossa marcial pesosa estampada no Correio para convencer o mais exigente.

E a resposta que destes ao jornalista quando este vos disse: — Não se assuste! Vai ouvir um tiro de magnézium.

«Oh! Estou tão habituado ao srotelo, que não ha tiros que possam assustar-me!»

Bem respondido! Pois se nem o tiro que aniu pela culatra vos assustou, eim! padre mestre?

Adrocal.

Rio, 15-9-1912.

HOSTIAS

Com as cantarolas do Pero si, no Santa Isabel, — patusada padresa cavadora do dinheiro alheio — coincidiu essa pungentissima tragedia do Collegio Orfanologico da Jaqueira em que 80 recolhidas, de 5 a 8 anos de idade, ingeriram, por um pavoroso equivoço de um pharmaceutico relaps, colchico, em vez de um vermífuga que o medico prescrevera.

Foi uma catastrophe terrivel, ocasionando a morte torturante de 45 criancinhas desvalidas, estando, ainda, á hora em que manipulo estas sacrosantas Hostias, o restante em serio perigo de vida.

Vi-as dolorosamente no necrotério, aconchegadas nos seus ataudezinhos de pinho, repousadas em folhas de piangueiras, com os semblantes contorcidos, com o sangue coagulado nos labios.

Toda sociedade vibrou com a noticia, sensacional e lancinante; no dia 7, ao meio-dia, já era publico o falecimento de 36 meninas, agonisando todas as demais, segundo se dizia no chocho dos boatos.

Era um caso unico; um equivoço formidavel, macabro, pungente; nas ruas viam-se senhores chorando e homens sinceramente consternados.

Pois, apesar de tudo isso, sob esse peso cruciante e ágro que calcava toda o população, o clero não se deu por schado.

A' noite, quando já na necropoli, quarenta cadaverzinhos, deu-se começo, no palco do Santa Isabel, á execução do oratorio perosiano — a admiravel cantarola, verdadeira bomba de succão para os cometiamentos da Igreja...

Lá estava toda a padraria, no esguio abutirino de suas rotinas, passando a validade de suas obras piedosas, ali, no tablado onde as cocotas têm se exibido nas companhias de operetas, e graça era ver um furtivo a cantar como Cristo, estúpido.

Fernão Botto Machado.



Intolerancia

A Espanha continua a ser a terra classica da intolerancia religiosa. Em toda a parte são intolerantes os catolicos, mas em Espanha mais do que em parte alguma. Outro dia esteve o cadaver duma criança aos poucos de dias insepulto, porque os pais eram protestantes, e a terra havia apenas um cemiterio, sem lugar reservado para os não catolicos. A intolerancia, além de tudo mais, tem isto de áctivo — é estúpido.

DA PORTA DE EUROPA

Continua a febre militarista — «E preciso fazer da nossa República uma dem cracia formidavelmente armada» — Pelas regiões aéreas da réclame — Onde se demonstra a superioridade do aeroplano sobre o canhão — Um coronel da «briosa» digno de comenda — Despesas produtivas e improduttivas — As guerras políticas e as guerras de conquistas — Quem perde sempre com a guerra — O que o proletariado deve combater.

LISBOA, 1 DE SETEMBRO

A febre militarista ainda não passou. Diz-se que Portugal precisa de se armar para garantir a sua independência e defender a integridade das suas colónias, e agita-se o espantoso de certas ambições e cubiças do estrangeiro... As alianças não são uma garantia satisficentemente forte, sobretudo quando o aliado pobre e fraco não entra no tratado com valor apreciavel; o aliado rico e poderoso pode sacrificar o amigo a vantagens mais compensadoras... A nossa democracia fez sombras a vizinhos; urge portanto torna-la «formidavelmente armada», como dizem alguns Tataritos, que parecem ter o mundo na mão.

E em quanto se reclamam couraçados e canhões, continua por outro lado o barulho em torno dos aeroplanos, que em breve teremos por aí a adejar... e a quebrar as asas em terra. Os aeroplanos, como effeito, prestam-se maravilhosamente a este ruido reclamista; offerecer um navio era empreza árdua e, entre nós, quasi impossível. O aeroplano está mais ao alcance das bolsas dos ricos beneméritos e das subscrições dos jornais. É facil, elegante, moderno e ruidoso. Que a sua utilidade militar seja discutível, que esteja ainda por demonstrar o seu valor, que sejam diários os desastres da aviação, isso não importa aos egrégios patrióticos que não tencionam perder-se pelas nuvens...

Várias empresas jornalísticas, mactaqueando o *Matin*, querem dotar o Estado duma esquadilha aérea; é um jornal do Porto que lança por estes dias a primeira unidade dessa armada... E até um português emigrado para essas terras ha 45 anos, hoje coronel da guarda nacional brasileira, offereceu à sua patria de origem um aeroplano guerreiro, que lhe valeu as honras duma sessão solene de agradecimento. Se fosse no tempo da monarchia, «lem de coronel da «briosa», seria a estas horas comendador...

Em suma, se fosse por diante os projectos grandiosos dos nossos guerreiros de gabinete, a República, que prometia o desenvolvimento da riqueza nacional e da instrução, traria o aumento ruinoso dos encargos militares, das despesas improduttivas!

E para quê? Pode porventura este pobre e pequeno país garantir-se suficientemente contra uma potencia, mesmo de segunda ordem, e contra as combinações diplomatico-financeiras dos poderosos? Se não lhe faltasse gente, aonde iria buscar o dinheiro, que é o principal nervo da guerra e da paz armada?

Mesmo para aqueles que entendem que um país se deve armar, deve estar em primeiro lugar a criação de riquezas, o desenvolvimento das indústrias e da instrução. Sem isso, as despesas improduttivas são ruinosas e insupportáveis. Seria necessario pedir milhares de centos, sobrecarregar ainda mais o contribuinte, embarcar ainda mais as anémicas indústrias, intensificar a emigração, ir de encontro ao que se pretende evitar — a perda total da autonomia politica, pela bancarrota e pela administração estrangeira, franca e declarada (porque encoberta já via exist nos países pobres e seminações).

Seria o suicídio, sob o pretexto de defesa.

O progresso industrial, o aumento do poder económico seria, aliás, de per si, o melhor resguardo contra qualquer veleidade estrangeira de conquista, de imposição de regime ou de fiscalização — sobretudo contra esta ultima, porque as duas primeiras não tem grande cotação no mercado, constituindo apenas o passatempo de um ou outro retardatario, pouco ouvido em todas as esferas.

Uma guerra afim de impor um regime politico noutra pais civilizado seria hoje para qualquer governo um grosso problema e uma terrivel aventura. Nenhum deles está seguro em sua própria casa — e a Espanha menos de qualquer outra monarchia... Para conquista. A aventura seria perigosa pelos mesmos motivos e, embora tivesse éxito, não seria compensador. Um país bárbaro, como a Argelia, a Tunisia, a Tripolitania e Marrocos, onde não está constituída a propriedade, é na verdade conquistado: as tribus são despojadas das suas melhores terras, são reassadas para as charnecas e areias estereis e a administração politica e financeira passa toda para as mãos dos conquistadores, que impõem aos vencidos os seus produtos e exploram as riquezas mineiras, agricolas e industriais da colónia, sujeitando os naturais a vexatimos impostos e a um trabalho duro e mal retribuido. Leiam os bellos livros de Vigné d'Octon. Tal não succedia com a anexação dum país moderno: seria respeitada a propriedade, bem como os direitos politicos; respeitada a burocracia; os politicos teriam diante de si aberta a mesma carreira... como o general Botha do Transvaal; tudo enfim ficaria mais ou menos na mesma, salvo para o vencedor o aumento das despesas militares e das complicações internas e para todos, vencedores e vencidos, os males da guerra...

E estes seriam sobretudo para os trabalhadores. Porque os pobres, ficando sempre pobres em caso de derrota ou de vitória, de independência do Estado ou de anexação, tendo em todos os casos de ganhar um magro salario em troca dum trabalho duro, de lutar contra os patrões e o governo para melhorar a sua sorte e de emigrar para o estrangeiro se na patria não encontram sequer quem os explore, os pobres com o que perdem sempre, vencidos ou vencedores, é com a guerra. Este é que é o verdadeiro mal que eles devem evitar e contra o qual tratam de forjar armas os mais consciences, os que pretendem ver os operarios combater, não os irmãos de além-fronteiras, para defesa de interesses alheios, mas a exploração económica e a oppressão politica de que são victimas.

E dessa ameaça de revolução contra a guerra, não deveriam lamentar-se agora as pequenas nações, que nisso tem uma das melhores garantias de paz...

Neno Vasco

Secção amena

Uma senhora, que leva um vestido de uma cor violeta muito viva, cruzase com outras duas, muito devotas, que vão para a igreja.
— Repara naquelo vestido, diz uma destas; querias ter um vestido daquella cor?
— Jesu! Deus me livre... Haviam de pensar que eu era viúva dum bispo...

Reflexão dum peregrino junto do Santuario de Arouca:
— Que coisa engraçada! E' a Nossa Senhora que a gente vem fazer visita e sempre o vigário que recebe...

CONFEITOS BÍBLICOS

Moisés attribuiu, pois, a Deus o fracasso das suas negociações com farão, queixando-se á divindade da divina falta de palavra. Deus gabou-se do seu poder e dos serviços prestados aos filhos de Israel e de novo incumbiu Moisés (é este que o diz, e claro) duma missão: dizer ao povo que ele, Senhor, era o deus Adónai dos antepassados dos israelitas. Mas os pobres hebreus escravizados estavam desiludidos: não acreditaram em palavras. O desespero de alma e o durissimo trabalho eram-lhes severissimas lições. Porque não se dirigia o Senhor a eles directamente?...

Moisés voltou então a conferenciar com Deus (sempre em segredo, está visto); e o extravagante nume deulle novo recado para farão.

— Mas se nem os hebreus me atendem, como ha-de ouvir-me o rei, tanto mais que sou «incircuncidado dos lábios»? objectu Moisés, que era então octogenario.

E o vaidoso e contradittorio Deus replicou:

— Tu és deus de farão e teu irmão o teu profeta. Ordena a Arão que diga ao rei que deixe sair os hebreus. Eu, porém, endurecerei o seu coração e multiplicarei os meus prodigios no Egipito, acabando por fazer sair dele o meu povo, por meio dos maiores juizes. E os egipcios saberão quem eu sou, ó! Vai pois ter com farão, e para começar, que Arão faça diante dele o milagreito da vara mudada em cobra.

Assim fizeram os dois irmãos. Mas o rei encolheu os ombros ao pedido e sorriu ao milagre, mandando chamar os seus taumaturgos. Estes, por meio de encantamentos e «certos segredos», também sabiam fazer milagres: mudaram varas em dragões, logo devorados pela cobra de Arão... Era um match de magicos. Ora, diante disto, como havia farão de crer na omnipotencia do deus hebreu?

Todos os magos faziam milagres: Moisés e Arão, quando muito conheciam mais segredos... O nosso Watry actual ainda sabe mais.

O Condeiteiro.

RUSSIA VERMELHA

A confissão de um traidor

Bourtzeff encontra-se com Azew, seu ex-companheiro na organização revolucionaria e depois espião assalariado pela policia.

Ha pouco mais de tres anos, impressionaram enormemente o mundo politico as revelações do revolucionario russo Bourtzeff, feitas nos jornais de Paris. O terrorista Azew, que quasi presidia á famosa «Organização de combates» e que participava das responsabilidades nos attentados contra o ministro de Plehve, contra o grão duque Sergio, contra o almirante Deubassow, etc., era accusado de haver traído os revolucionarios e de ter sido durante anos o agente secreto da policia russa. Azew, depois, desaparecera. Bourtzeff resolveu, ao mesmo tempo que atrazira a publico as suas sensacionais revelações, perseguir o traidor até encontra-lo.

E de facto não descaçou desde janeiro de 1909 até 15 de agosto de 1912, que foi quando, afinal, a sua batalha ganhou...

Bourtzeff descobre o incognito de Azew e pede-lhe uma entrevista.

Conta o proprio Bourtzeff: «... Jamais deixei de pensar neste caso horrivel e tenebroso, imensas vezes discutido na Duma e na imprensa.

E para mim, como para toda a gente, era sobretudo o homem que se tornava necessario estudar. Genio da tração, simples bandido, impostor habil... quem era ele afinal, que fim alvejava? E, finalmente, em qua se tornara?

Mil boatos mais de uma vez espalhados na imprensa davam-o em toda a parte, na America, na Suecia, na Russia, em Paris. Uma julgavam-o morto, outros afirmavam que ele continuava ao serviço da policia politica russa.

Depois, muitos começavam a perder a esperanza de uma pista... Por mim, confesso que nunca desesperei, antes pelo contrario.

Não me enganar! Ha pouco, recebi informações seguras sobre o incognito e paradeiro de Azew. Não o querendo surprehender, escrevi-lhe pedindo um «randes-vous», como simples historiador e publicista, a affirmando-lhe que nenhuma cidade lhe teria, pois se desajava conhecer a verdade.

Tres dias passados, recebi a resposta: Azew dizia-me que eu fôr ao seu encontro, ha muito que desajava esclarecer a sua situação, e propunha-me a entrevista para 11 de agosto, no café Ristori, em Vandoustrasse-Mein, ás 4 horas da tarde.

Azew testara antes do entrevistado

Parti. A' minha chegada, o café regorgitava. Meus olhos procuravam em vão aquele que eu podia considerar o meu mais implacavel inimigo, que devia desejar-me a morte pelas revelações que eu fizera.

Mas eis que ao fundo da sala, a uma mesa, um homem se levanta, alto, forte, que me fixa. Reconheço Azew, apesar de certas alterações que ele deu á sua fisionomia. Quando me approximo, tem as mãos sobre a mesa, a cabeça sobre o peito, como que esmagado não sei porque peso.

Decorridos alguns instantes de comprehensivel embaraço, trava-se conversa.

— Ninguém sabe da minha viagem. Vim só.

— Também eu estou aqui sózinho. Os nossos olhos encontravam-se, o seu olhar rapido como o da besta acossada.

— Podemos falar... Nada temos portanto a reccar. Aqui ninguém nos ouve nem comprehende.

— De resto, retorquiu Azew, não podia vir senão só. Desde a noite em que fugi de Paris ainda não vi ninguém da Okhrana nem do partido. Já muitas vezes nos jornais que eu continuava ao serviço da Okhrana. E' falso. Nunca mais voltei á Russia. E' você a primeira pessoa a quem não dissimulei a minha personalidade.

No que se escreveu sobre mim falsamente foram encardadas a minha pessoa e a minha accção. Não quero morrer sem que se faça toda a verdade. Exijo-a para meus filhos. Devem saber quem é seu pai.

Quando profetizei estas palavras: «meus filhos», seu rosto transformou-se, sua voz tornou-se suave, elle enterneceu-se. Muitas vezes durante a conversa me falou nos filhos, dando-me a impressão de que elle, através das suas palavras, ouvia lagrimas represas, abafadas. Compreendia que aquele homem terrivel já não pensava senão nos filhos e que só a eles via no mundo.

— Quero — prosegue Azew — que os meus antigos camaradas me julguem. Dar-lhes-é provas em apoio de todos os meus actos. Nunca fui um «okhranik» (policia da brigada politica) e sempre desprezei e odié todos os da Okhrana. Tudo o que fiz foi em favor da revolução. Cometi a «gaffe» de fugir de Paris. Uma explicação com os meus camaradas seria bastante para pôr as coisas no seu lugar. Mas eu não podia falar... Tinha vergonha, tinha remorso... Sabia que tinha as mãos tintas de sangue...

Em 1908, sem querer nem ligar grande importancia, disse ao general Guerraninow o nome de Rasputina. Uma espionagem organizada á sua volta descobriu o «complot» e Rasputina foi enforcada...

Recordei-lhe que com elle foram supplicados mais cinco revolucionarios, mas elle nada respondeu, como não tendo a censurar-se senão da morte de Rasputina, que era má de dois filhos.

Continuou a sua confissão. Contou toda a sua vida desde que, novo ainda, estudante da Universidade, propuzera á policia os seus serviços de informador pelo soldo de 133 francos por mez, chegando, pelo fio do discurso, a confessar-me outras trações, multiplas e horribes. E explicou-me que era necessario trair uns para salvar outros, que era preciso fazer fracassar certos «complots», especialmente os organizados fóra do seu partido, para levar ao triunfo os que elle mesmo organizava, como os attentados contra Plehve, grão-duque Sergio e almirante Deubassow.

— A policia, disse-me, tinha em mim uma fé cega. Eu aproveitava-me, servindo-me dela o maior numero de vezes, só lhe sacrificando o que era impossível calar e occultar.

A nossa conversa durou quatro horas, interrompendo-se para continuar no dia seguinte e ainda no outro.

Para confirmação da sua afirmativa de que deixara de pertencer á policia, mostrou-me cartas de Rataeff, antigo director da policia russa em Paris; de Guerrasimow, antigo director da policia politica de S. Petersburgo, etc.

— Quero ser julgado, repeti-me. Exijo-o, por meus filhos. E de antemão me inclino ao «veredictum», qualquer que elle seja. Se for sentença de morte, eu mesmo a executarei.

Antes de me deixar, confesso-me que ao resolver-se a ser entrevistado julgara prudente fazer o seu testamento. Mostrou-me, «No caso da minha morte, assim o comesa, referindo em seguida que ia ter uma entrevista «comigo» e as circumstancias em que consentira «aparecer». Depois, trata dos seus filhos, da sua fortuna.

Disse-me por ultimo que começara por ganhar na policia 30 rublos, mensalidade que foi subindo a 100 rublos, 500, 1.000 — ou sejam 3.600 francos.



EFIGIE

Dê-nos o somilher do nosso bispo «que o corpo virginal do seu patrão não é como o dos homens, não é não, começando dos pés até ao chapéo...»

Da longa obesidade, fragil pelo se levantar, sacudando umas papetras, rubicundo nariz, duas orelhas, que impellem no chiqueiro alto respeito.

Das presunções não deu noticia alguma, talvez porque reinasse, no respeito, a padroaria que cessam, num instante, os gestos de affecto, em ruína.

Malhada.

O dedo misterioso do padre

Do nosso amigo e distinto professor Saturnino Barbosa recebemos uma nova carta sobre a perseguição occulta, sorradeira e mesquinha que lhe tem sido movida pelos jesuitas de batina e de casaca da governança deste Estado.

Damos-lhe gostosamente abrigo em nossas colunas para demonstrar que aqui ainda apparecem homens de dignidade e insubmissos á dominação nefastissima dos clericais.

Eis a carta:

«Meu caro Edgard.

Disseste bem no comentario á carta que te escrevi, inserida na *Lanterna* de domingo transacto.

«Seria melhor que eu pertencesse a uma confraria qualquer ou cingisse os cordões de São Francisco, carregando sobre os rins dois saquinhos de areia...»

Assim, o exito seria completo; mas, qual! Homens como eu vêm ao mundo já predestinados. Morrem por aí como um Ferrer qualquer por se acharem, á custa de estudos e combates, emancipados de todos os preconceitos e livres de todos os dogmas. Quebram mas não vergam...

Infelizmente não tenho geito para bater á porta dos politicos graúdos e mendigar delles aquilo que conquisei, na Escola Normal, com quatro longos anos de estudo.

Não se pôde ser independente nesta terra. Ser activo e ter caracter é um crime exercendo perante as leis republicanas!

Desgraçado daquelle que contrariando as leis do engrossamento, em vigor, entre nós, ousa, pela palavra falada e escrita, dizer corajosamente em publico, as verdades todas! Morre louco!

Os padres é que hão-de estar radiantes de alegria... Mas eu ainda tenho um recurso do qual lancarei mão. Interpelar os srs. deputados a respeito do caso, nos seguintes termos:

Qual a incompatibilidade que existe no facto de um professor publico ser anticlerical e livre-pensador? Ha nisso alguma lesão á moral escolar?... Estou certo que a resposta dos srs. deputados será favoravel á minha causa. E então, eu tratarei de, pelos meios legais que me assistem, localisar-me melhor...

Vejam quem vence na luta: eu ou a padroaria?!

Envia-te muito saudar o todo teu

Saturnino Barbosa.

Santos, 16 — 9 — 912.»

Ecoss do processo da policia

O ultimo acto da farça — Julgamento do dr. Passos Cunha e Oreste Ristori — Submeter-se-á o Jury á vontade dos pulhas?

A farça que se começou a representar em 12 de março do ano passado talvez apresente hoje o seu ultimo acto.

Na sessão do Jury de hoje deverão ser julgados o dr. Passos Cunha e Oreste Ristori, accusados como autores de ferimentos leves recebidos por um achegado da policia no comicio do dia 12 de março de 1911.

A *Lanterna* já se tem occupado longa e minuciosamente deste facto, devendo os nossos leitores estar sobre elle bem informados. Entretanto não é superfluo recorda-lo ligeiramente.

A agitação feita ao redor do caso Idalina tinha chegado ao seu auge com a escandalosa mystificação da Maria Madeleine. As associações democraticas de S. Paulo, resolvendo então agir, reuniram-se e deliberaram realizar um comicio para ventilar o caso em publico.

A policia, pisando como sempre as leis do país, prohibiu essa reunião, mas o povo, que achava por fazer ouvir a sua voz de protesto, veio á rua e levou-o a cabo. As consequências desse acto de independência do povo su-

freram os propagandistas mais em vista. A policia vingou-se prendendo José Romero e Edgard Leuenroth, da *Lanterna*, Alexandre Cerchiai e Orestes Ristori, da *Battaglia*, e o dr. Passos Cunha, contra os quais forjou um infamissimo inquerito, responsabilizando-os pela morte de um soldado e pelos ferimentos de um secreta extraordinario, verificado após á sua prisão.

E com essas accusações vergonhosamente falsas, conseguiu a sua denuncia de um promotor interino, que depois foi nomeado autoridade policial...

Os habeas-corpus requeridos em seu favor a um juiz e ao Tribunal de Justiça foram negados.

Mas o escandalo da perseguição estava se tornando muito conhecido e, após 12 dias de prisão, com o accordo do Tribunal, que quiz com elle salvar a situação, foi-lhes concedida a liberdade mediante fiança.

Fez-se depois o processo, durante o qual foram desmascaradas todas as vergonhosas artimanhas policiaes.

As testemunhas desdizesseram-se, as provas evaporaram-se. O revolver apresentado como pertencendo a Ristori tinha as suas cinco balas intactas e as que appareceram como tendo sido extraídas do ferido nem sequer entravam no tambor do revolver!

Foram tantas, tantas as bandalheiras policiaes descobertas durante o processo, que seria difficil resumilas aqui.

Terminou elle com a despropunção de todos os cinco. A policia não concordou e conseguiu que o promotor recorresse para o Tribunal de Justiça. Este, obedecendo á mesma inspiração, reformou a sentença, pronunciando o dr. Passos Cunha e Oreste Ristori como autores de ferimentos leves!

E hoje vão eles ser julgados pelo Tribunal do Jury.

Qual será o seu verdictum? A absolvição, por certo, porque seria a maior das infamias uma sentença condenatoria.

Emfim, aguardemos.

Roubo sacrilego

Sob este titulo, publicou a *Cidade de Santos* o seguinte telegrama:

«RIO, 7 — Dizem da Bahia que foi roubada a igreja da Ajuda, tendo desaparecido o resplandor de ouro massivo, com pedras preciosas, pertencente ao Senhor dos Passos, no valor de 5.000\$, e a corôa de N. S. da Boa Nova, tambem de ouro, uma corôa de prata dourada do menino Jesus, uma imagem de metal do Crucificado e o aparelho e o crucifixo do altar-mór.»

Roubo sacrilego? Tenha paciencia o colega, mas o seu titulo não quadra.

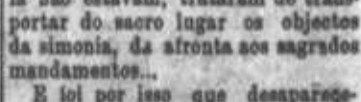
Procedimento de bons, de lidimos catholicos foi o dos ignorados individuos que arrebaram a igreja da Ajuda da religiosissima Bahia de S. Salvador.

Ouro massivo, pedras preciosas, pratas e dourados — adornar não só a casa do miserriimo pregador da Gallilea, mas até o proprio crucificado?!

Isso é que sacrilegio, um grande, um enorme sacrilegio...

Assim o pensaram os ignorados, os desconhecidos individuos que, ás horas mortas da noite, quando muito provavelmente o feliz cura da igreja da Ajuda estava entregue aos braços roliços da sua Perpetua, fazendo-se interprete da vontade do divino errabundo filho de José... e do Espirito Santo, e servindo-se do seu exemplo do Mestre, penetraram naquella sua casa e, não podendo escorraçar os vendilhões porque allelá não estavam, trataram de transportar do sacro lugar os objectos da simonia, da afronta aos sagrados mandamentos...

E foi por isso que desapareceram o ouro, a pedreira, as pratas e os dourados da igreja da Ajuda...



Um moço de café, sobrinho dum vigário, abandona a sua petada professo para aceitar um lucrativo lugar de sacristão que o reverendo tio lhe offerece.

Apprenda a ajudar a missa, mas ainda está pouco praticado, a por isso ha dias, com a fôrça do habito adquirido, julgando-se ainda a servir um fregues, disse ao tio, quando viu na missa lhe apresentarem o sacristão:

— Com licença ou sem licença?

Oração caipora

Uma piedosa beata da terra que actualmente mais concorre para abarrotar o mercado padresco do Brasil, da terra do excomungado sr. Afonso Costa, teve a piedosa lembrança de enviar ao galhardo paladino de longas gambias e dilatadas orelhas que tentou ha pouco restabelecer o reinado de Deus em Portugal, com insucesso, mau grado o indubitavel auxilio celestial — a seguinte curiosa oração:

Oração a S. Salvestre Paiva Cócero e seus companheiros eu te encumendo a S. Salvestre Pelas sete camisas que elle veste E nos sete anjos E as tres setas com que cortou a cabeça ao Lifo e a força a Sansão Assim corte a força A todos contra ti estão Ao fundo do mar vão 3 glorias patrias a S. Salvestre para despachar isto com brevidade.

Decerto não foi culpa de S. Salvestre, nem muito menos da sua fiel devota, se o Cócero não conseguiu «cortar a força» dos seus inimigos, tal como o supradito santo cortou a dita dos seus ditos, a cabeça ao Lifo, etc. e tal... E' que o Diabo, quando se agacha atrás das baionetas, é duro de roer, não faz caso, o maldito! de orações e bulas e breves e medalhas e quejundas. Mas deixa estar que o Cristo ai vem em pessoa e tudo então ha-de arranjar-se... Se não acreditam, perguntem ao padre Julio.

SUBSCRIÇÕES

Festa pro-Battaglia e «Lanterna» — Nota da venda dos bilhetes a nós confiado da festa realizada no dia 17 de Junho de 1911 em benefício da Battaglia e Lanterna: Dos 74 bilhetes que recebemos 17 não nos devolveram e ficaram 6. Formam, portanto, vendidos 51 que, a 1500, dá 76500. Esta quantia, destinada a Lanterna, foi remetida ao Comité do Partido Liberal Mexicano, conforme a nota em tempo por nós publicada. Os bilhetes não devolvidos ficaram com J. C. I., M. S., Z. M. G. R., 10 e P. Z., 4.

Pró-pesos de Evora — As duas listas de subscrição em favor dos presos por questões de propaganda de Evora, Portugal, de que nos encarregaram, já foram devolvidas com o seu produto ao respectivo comité, e deverão ser publicadas em um jornal de Portugal e depois reproduzidas na Lanterna.

Pró-Terra Livre — Participamos nos amigos subscritores de ações em favor de A Terra Livre, de Lisboa.

FOLHETIM DA LANTERNA (13)

MIGUEL ZEVACO CAVALEIRO DE LA BARRE Grande romance histórico

(ESPECIALMENTE TRADUZIDO PARA A LANTERNA)

Primeira parte AMOR! XII AO REI DA BOHEMIA

— Se não me engano, disse de repente o gascão, ha aqui uma estalagem. — Com effeito! exclamou Cabeça de Ferro, arqueando as sobrancelhas. — Vamos a ella! — Também fomos expulsão. — Ora! Havemos de ver... Chegaram a pousada, onde um grande ramo chamava de longe a atenção dos viandantes sequeiros. Um letreiro dizia:

As tradições revata electivamente que o antigo rei da Bohemia, aliado de Felipe VI, descansou ali ao dirigir-se a Crecy para travar aquela batalha na qual devia peo-receer com seu filho e que custou a vida a 20.000 francezes. Ali, dizia a lenda, elevava-se noutros tempos um castelo que fora destruido pelos inglezes. Não é que o rei da Bohemia tinha pernoitado. Uma modesta hospedaria substituiu agora o castelo, mas perpetuava a recordação popular, evocando a imagem do rei anão e togo que, ao saber que seu filho acabava de ser morto, teve-se a conduta ao mais ao fundo da pousada e morreu distribuido em pedras e estocadas.

que, por carta de lá recebida, fomos avisados do seu provavel aparecimento para meado de outubro proximo, e que se tal não se der serão devolvidas immediatamente todas as quantias recebidas.

Pró-folheto Idalina — Alguns amigos ainda não nos comunicaram se desejam que lhes devolvamos em livros as quantias a nós remetidas em favor do folheto que se projectou publicar sobre o caso Idalina. Esperamos que nos escrevam nesse sentido.

Subscrição feita em favor do projectado jornal redigido por Malatesta, na Italia, e cujo produto já foi remetido á commissão respectiva:

L. Giusti, 15. José Sancho, 15. Leão Aymoré, 15. A Lanterna, 50. Total, 80000.

Bilhetes e recados

S. João da Boa Vista — B.: Farel como dizes logo que o homem trazer o cobre. Ainda nada de novo sobre a tipografia. Saudações dos rapazes.

Ritico — B. P.: Registamos os tres novos assinantes. Reciba os nossos agradecimentos e saudações.

S. Roque — C. N.: Recebemos a importancia dos seis assinantes indicados. Para cortalos aguardaremos o resultado da sua ultima tentativa. Infelizmente ainda encontramos desses individuos fracos de escrupulos. Agradecidos pelos serviços prestados ao jornal. Saudações.

S. Sebastião dos Correntes — A. A. B.: Recebemos o original. D. Heredia voltará á tailla. Saudações aos amigos.

Recife — M. B.: Recebemos o jornal. Agradecemos. Foi modificado o endereço. Saudações.

Ribeirão Bonito — F. G.: A sua carta foi entregue ao Romero, que satisfará o seu pedido. Saudações. E. S. do Rio Pardo — A. P. N.: Remetemos os ns. pedidos. Saudações.

Pelotas — G. L.: Seguiram dois livros correspondentes á quantia enviada. Vamos conseguir o estatuto que nos pediu. Saudações.

Ribeirão Preto — J. Sales: Foi paga a conta indicada. Saúde!

7 — R. P.: Desta vez não podemos fazer-lhe a vontade. Mas continue escrevendo, que ainda, decerto, será feliz. No começo, tudo não difficuldades. E assim que se fazem os grandes. Persistencia e coragem... — B.

S. Paulo — Zizinha: Muito estimamos a sua volta á nossa tenda de trabalhos e lutas. Publicaremos os seus versinhos e ficamos na expectativa de nova remessa... — B.

Rio — S. S.: A sua poesia está um pouco fraquinha. Não desanime, porém, meu amigo, e continue escrevendo e nos enviando os seus trabalhos. Devagar se vai ao longe... — R. Franco — T.: Agradecemos pela informação. Saudações.

Lisboa — H. Marques: Aceitamos a proposta. Escreveremos. Saúde!

«Lanterna» em Bagé

E' representante da Lanterna em Bagé, R. G. do Sul, o nosso companheiro Amantino O. Santos, que está autorizado a proceder á cobrança das assinaturas.

Como quer que seja, a hospedaria estava muito acreditada. Aos domingos e dias de festa, iam ali merendar muitas pessoas de Abbeville. Cabeça de Ferro e Estocada, parando diante da porta, aspiraram com delicia o aroma de certos pasteis que se coziam a fogo lento.

— Entremos! disse heroicamente Estocada.

Entraram. Uma mulher joven, atenciosa e de gracioso aspecto fuzhes uma reverencia, á qual Estocada, com uma das mãos no punho da sua gigantesca espada, correpondeu com uma saudação majestosa, tirando o chapéo emplumado.

A hospedaria, asombrada de tanta cortesia, olhou com mais attenção os recém-chegados, e logo a sua amabilidade cedeu o lugar a um ar severo, endurecendo-se-lhe a fisionomia.

— Aqui paga-se adiantado, apressou-se ella a afirmar.

Cabeça de Ferro fez um gesto de desalento e dirigiu as desconsoladas narinas para a cozinha. Estocada fez outro cumprimento ainda mais majestoso e exclamou:

— Ora aqui está uma boa noticia! E' a primeira vez que falamos em me pagar adiantado!

— Que queris dizer? perguntou a hospedaria, cada vez mais desconfiada.

— Senhora, em mim vêdes um illustre cirurgião, medico, veterinario, barbeiro e curandeiro. O amor que professo á humanidade impelle-me a viajar para curar os meus semelhantes. Está doente a vossa filha? Tenho com que a salvar. Está doente o vosso cão? Vou curallo. O senhor vosso marido é tolo, meco, strabilario, bilioso, melancolico? Notei dos dentes ou dos olhos, do pé ou do rosto? Aqui estou para lhe dar o remedio. O unico e exclusivo remedio, que tenho

Noli me tangere

a obra prima da gloriosa victima dos jesuitas JOSÉ RIZAL, vilmente fuzilado em Manila, como revoltoso contra o dominio espanhol, em virtude das miserimas intrigas contra elle urdidas pela corvulhada negra: agostinianos, capuchinhos, etc., etc., que, vendo em José Rizal o mais temível adversario recorreram aos meios vis que lhes são familiares para o aniquilar.

NOLI ME TANGERE OU NO PAIZ DOS FRADES

é um romance admiravelmente escrito, narrando toda a sorte de crimes cometidos nas Filipinas, pelos frades que, dali expulsos pelos heroicos tagalos, estão cavando agora a nossa desgraça, a desgraça deste pais. Esse empolgante romance, especialmente traduzido por Neno Vasco e que tanto successo alcançou entre os leitores da Lanterna, foi por nós editado em elegante volume de 135 páginas.

PREÇOS DE CADA EXEMPLAR: 800 réis na redacção e 1\$100 pelo correio.

E' encontrado nos seguintes pontos: Em S. Paulo: — Livraria Moderna, Travessa do Braz. — Livraria Lealdade, Rua de S. Bento, 51. No Rio de Janeiro: — Redacção da Guerra Social, rua da Alfandega, 182 (sob.). — Agencia de Braz Lauria, rua do Ouvidor, 181. Em Campinas: — Agencia de Antonio Albino. Em Ribeirão Preto: — Livraria Sélles, rua Amador Bueno.

DIVERSÕES

Theatro Colombo — A semana corrente foi cheta de novidades no Colombo, tendo ali estreado os duestias napolitanos Los Colombos. Foram tambem exibidos magnificos films.

No espetaculo de hoje serão exibidas as ultimas novidades chegadas da Europa. Amanhã, ás 2 horas da tarde, haverá mais uma interessante matinée.

Jockey-Club — Realizar-se-á amanhã, no Prado da Mooca, mais algumas corridas, tomando parte nas mesmas escolhidos pareos.

GREVE DE VENTRES

Diversos meios praticos para evitar a procriação. Um folheto, 200 rs. Maço de 50 para revender, 3\$500. Pedidos á Livraria Lealdade, rua S. Bento, 51, ou a esta redacção.

«A Sementeira»

Publicação mensal illustrada de critica e sociologia de Lisboa. Insero retratos e biographias de escriptores e artistas revolucionarios e livres pensadores, como (entre os ultimos) Wagner, Emma Goldman, Tebernicheusky, Repisardi, Guyau. Assinatura annual: 1\$200 (moeda brasileira). Assina-se nesta redacção.

TIPOGRAFIA

COMPRA-SE uma typografia completa, ou aómente o prelo, que esteja em bom estado e que dê para um jornal do formato da Lanterna ou pouco menor. As informações, que deverão ser minuciosas, podem ser dirigidas a esta redacção.

TIPOGRAFIA

Edição da «Brochura Social» de Lisboa.

Elegante opusculo de 16 paginas. Excelente texto do conhecido iniciador do sindicalismo revolucionario em França, FERNANDO PELLOUTIER.

Preço 200 réis. Pedidos a esta redacção.

«A LANTERNA» NO RIO

é encontrada á venda nos seguintes pontos:

CAFE CRITERIUM, largo do Rocio, 32. Rua Salvador de Sá, 45, esquina da rua Visconde de Sapucahy, engraxate. Rua da Assemblia, 24, esquina da rua do Carmo, engraxate.

Rua do Ouvidor, 181, agencia do sr. Braz Lauria.

Rua do Senado, 63, com o sr. Manuel Quesada.

Avenida Passos, 122, engraxate. Rua do Lavradio, 47, com o sr. Angelo Prinsi.

Rua da Saúde, 167, com o sr. Nicolau Caruso.

Estação Central, com o sr. Paschoal Mauro.

Largo da Lapa, 112, com o sr. Januario Bruno.

Rua 1.ª de Março, agencia do sr. Mandarino.

Rua Uruguaiana, 110, esquina da rua do Rosario, engraxate.

Rua Marechal Floriano Peixoto, 58, engraxate.

Avenida Mem de Sá, esquina da rua Lavradio, com o sr. Caruso Compa.

Rua Souza Franco, 64, Villa Isabel, com o sr. Pedro B. Matera.

Largo dos Leões, com o sr. Nalao Carelli.

A União dos Sindicatos e a Anarquia

Edição da «Brochura Social» de Lisboa.

Elegante opusculo de 16 paginas. Excelente texto do conhecido iniciador do sindicalismo revolucionario em França, FERNANDO PELLOUTIER.

Preço 200 réis.

Pedidos a esta redacção.

— Não, com effeito, não havia que hesitar. Foi o que disse consigo a estalajadeira, que recebeu o frasco e, não sem respeito, lhe dava voltas e viravoltas.

— Sentai-vos ai, disse ella, apontando uma mesa.

— Com mil bombas! Desta vez, sabes, a senhora... começou a dizer com entusiasmo Cabeça de Ferro, que durante o colloquio estivera anelante de comoção.

Mas Estocada pisou-lhe o pé e cortou-lhe de golpe o entusiasmo, dizendo simplesmente:

— Sentemo-nos, pois que esta senhora nos convida a isso.

Cabeça de Ferro obedeceu e os dois amigos sentaram-se em frente um do outro, servindo-lhes a hospedaria sopa e toucinho, com uma canlata de sidra. Com certeza não eram dificeis de contentar, ou então era grande o seu appetite, porque fizeram honra á modesta refeição sem dizer palavra, atentos á tarefa. Eram então cerca das oito da manhã.

Apenas saciados, Estocada e Cabeça de Ferro levantaram-se e despediram-se da hospedaria com muitos agradecimentos, perguntando o gascão:

— Estamos longe de Abbeville?

— Dava leguas e cascas, sr. cirurgião, respondeu a estalajadeira.

Seu mais, afastaram-se em direcção da pequena cidade. Duzentos passos além, chegaram a uma encruzilhada de caminhos. Tinham na apenas passado, quando o gascão parou exclamando:

— Que é aquillo?

Apontara um homem estendido no solo.

— Ora! Algum que bebeo melhor do que nós, disse Cabeça de Ferro.

Estocada accresceu do suposto

Biblioteca del Apostolado deLa Verda

Folhetos a 200 réis, fóra o porte e registo do Correio:

Primeira série, já publicada:

La Lujuria del Clero, segun los con-cilios.

El Diablo, por Roberto Robert.

Cristo en el Vaticano, por Victor Hugo.

El Romance Anticlerical, por vario autores (primeiro tomo).

El Pueblo a la Aristocracia, por Pey Ordéix.

Historias de la corte celestial, por Narciso Campillo.

Monita Secreta de los Jesuitas.

A Una Madre, por Ramon Chies.

La Democracia y la Inglesia, por Potvin.

2.ª série em publicação:

Dios, por Suñer y Capdevila.

Los Milagros por Roberto Robert.

Lo que comen los curas, por Frey Gerardo.

Viaje al Inferno, por José Nakens.

La Libertad de enseñanza, por Edmundo Gonzalez.

La Papiza Juans, por Julio F. Mateo.

Sonetos Piosos, por varios.

Retratos de José Nakens, 1\$500 réis.

«A Velhice do Padre Eterno»

Temos novamente a venda, a 2\$000 o exemplar, este sempre empolgante livro do extraordinario Guerra Junqueiro.

«A LANTERNA»

Nesta capital é vendida ao preço de 100 réis, nos seguintes pontos:

Agencia de jornaes, do sr. Antonio Scafoto, rua 15 de Novembro, 51.

Salão de Barbeiro, Avenida Rangel Pestana, 140.

Ventura Sierra, rua Major Diogo, 150 A.

FABRICA DE FUMOS BRAZ

FUNDADA EM 1887

Escusado é dizer-se que esta é a unica fabrica que vende sem reserva de preços. Seus productos são conhecidos em todo o Estado.

Pereira & Comp.

Avenida Rangel Pestana, 60

— S. Paulo —

Engenho Stamato

Sem engraxagem para moagem de canna com salvaguarda para evitar desastre. Privilegiado e premiado com diversas medalhas de bronze, prata e ouro. Progressivamente estão se espalhando por este vasto pais; já foram adquiridos por mais de 1.000 fazendeiros que attestam a utilidade desta importante machina. Inventor e fabricante.

RAPHAEL STAMATO

Filial, Rua da Alfandega, 194 — Rio de Janeiro.

Fundição e Mechanica, Avenida Martin Burehard, 146 — S. Paulo.

BIBLIOTECA DA «LANTERNA»

EM PORTUGUÊS

A. de Pinho, Pela Educação e pelo Trabalho \$200

H. Malatesta, Programa socialista anarquista-revolucionario \$100

Prof. Saturnino Barbosa, Poema Transcendente \$1000

B. Peres Galdós, Electra, (drama anticlerical em 5 actos) \$1000

Meaça Botta, O Papa Negro \$2000

Otaviano Reinelt, Um como não ha muitos, (comedia de costumes nacionaes e 2 actos) \$1000

Carlos Dias, Semeando para Cather \$300

Pablo Bertheloth, Evangelho da Hora \$200

Guerra Junqueiro, A velhice do Padre Eterno \$200

EM ESPANHOL

Rutgers, Las Guerras y la Densidad de la Poblacion \$100

Ch. Drysdale, Dignidad, Libertad e Independencia \$100

C. S. Darrow, Crimen y Criminales \$100

André Girard, Educación y Autoridad Paternal \$100

EM ITALIANO

Romanzo di una Donna, Angelo Longaretti \$500

EM FRANCÊS

Les Prisons, Pierre Kropotkin, L'Esprit de Récolte \$300

René Changhai, La Femme à cleve \$200

Jean Grave, L'éolente pour Faction \$100

Elisée Reclus, A mon Frère le Paysan \$200

Jean Grave, Si j'avais à parler aux Electeurs \$100

Charles Albert, Patrie, Guerre, Guerre \$200

Elisée Reclus, Evolution e Révolution \$200

Urban Gohier, Aux Femmes \$100

E. Malatesta, Entre Paysans \$300

M. Nettlan, La responsabilité e la Solidarité dans la lutte ouvrière \$200

Maro Pierrot, Sur L'individualisme \$300

Louis Blanc, Quelques Vérités Economiques \$100

André Girard et M. Pierrot, Le Parlementarisme contre l'Action Ouvrière \$100

Pedro Kropotkin, Le Salarial \$100

«La Morale Anarchiste» \$200

M. Pierrot, Travail et Surmenage \$200

Ditroit, Entretien d'un philosophe avec la marchande \$100

Jean Grave, La Conquête des pouvoirs publics \$100

Jean Grav, Une des Formes nouvelles de l'Esprit politique \$100

Les Temps Nouveaux, Centre la Guerre \$200

Só podemos atender os pedidos que venham acompanhados da respectiva importancia.

Está á venda

o restante da edição do esplendido livro do grande sociologo ELISÉE RECLUS

Evolução, Revolução e Ideal Anarquista

custando 1\$500 o exemplar e mais 300 réis pelo correio.

caso receber um ferido. Quem me ha-de pagar?

Estocada, que pusera o ferido numa cadeira, respondeu:

— Elle mesmo. Vêde!

Entreabriu o bolsinho do cinto de couro de Salverio. O hospedeiro viu oiro e os olhos brilharam-lhe:

— Nesse caso, está tudo bem. Gertrudes! Depressa! Preparai tudo para atender a este digno senhor que Deus nos envia.

Gertrudes era a estalajadeira. Ajudados desta vez pelo hospedeiro, Estocada e Cabeça de Ferro levantaram a cadeira onde tinham posto o ferido e, por indicação de Gertrudes, subiram ao primeiro andar.

Nam instante, o gascão, ajudado por Cabeça de Ferro, despiu Salverio, deitando-o na cama que Gertrudes preparara. Lavou então a ferida e colocou uma compressa, sujeitando-a e enfiando-a com uma segurança de mão, que demonstrava uma real experiencia. O gascão só se gabara até meio: ora, se não um cirurgião, pelo menos um praticante.

— Pronto! disse ella, apenas terminado o curativo; agora é só esperar a febre.

A hospedaria appareceu naquele momento com um traquinho na mão, dizendo:

— Não seials, senhor, que applicando a vossa agua milagrosa, salvaremos o ferido?..

Estocada endireitou-se e respondeu afirmativamente.

— Senhora, essa agua só cura as doenças e não as estocadas... Dito isto, voltou as costas á hospedaria e curvou-se diante sobre o ferido, que ainda não abria os olhos e cujo rosto tomava uma cor livida, salpicada de manchas vermelhas, que indicava as grandes febres.

(Continúa)